

A moda na construção da imagem da ex-Presidente Dilma Rousseff

Jéssica Cristina de Campos

Mestranda em Comunicação e Cultura da Uniso
Graduação em Moda pela UAM.
E-mail: jeehcriistina@gmail.com

Recebido: 06 fev. 2019

Aprovado: 28 mai. 2019

Resumo: Este artigo, parte da dissertação em desenvolvimento, apresenta reflexões sobre a construção da imagem da ex-Presidente do Brasil, Dilma Rousseff, por meio de fotos jornalísticas apresentadas na plataforma digital do jornal Folha de S. Paulo. O objetivo é compreender que sentidos produzem as vestimentas da ex-Presidente na sua trajetória política.

Palavras-chave: Comunicação. Moda. Política. Dilma Rousseff.

Abstract: This article, part of the dissertation under development, presents reflections on the construction of the image of the former President of Brazil, Dilma Rousseff, through journalistic photos presented on the digital platform of the Folha de S. Paulo newspaper. The objective is to understand what senses are produced by the clothes of the ex-President in her political trajectory.

Keywords: Communication. Fashion. Politics. Dilma Rousseff.

Resumen: Este artículo, parte de la disertación en desarrollo, presenta reflexiones sobre la construcción de la imagen de la ex presidenta de Brasil, Dilma Rousseff, a través de fotos periodísticas presentadas en la plataforma digital del diario Folha de S. Paulo. El objetivo es comprender qué sentidos producen las vestimentas de la ex presidenta en su trayectoria política.

Palabras clave: Comunicación. La Moda. La Política. Dilma Rousseff.

Introdução

Este artigo, recorte da dissertação em processo, apresenta reflexões sobre a construção da imagem da ex-Presidente do Brasil, Dilma Rousseff, por meio de fotos jornalísticas apresentadas na plataforma digital do jornal Folha de São Paulo. O objetivo é compreender que sentidos produzem as vestimentas da ex-Presidente na sua trajetória política. Para tratar a moda como comunicação e linguagem, nos valem de Bourdieu.

Assumimos estar trilhando o universo das representações ou dos signos. Nessa seara, a fotografia destaca-se por ser um registro documental do real e, a partir dela, o diálogo com o contexto político favorece nosso propósito de análise.

Lembramos que moda, aos olhos de Blumer (1969), pode ser considerada como expressão simbólica, como identidade social, modo de socialização – ocupação ou papel social, status, idade, personalidade, humor – cultura e, possivelmente, um estilo de comunicação.

Selecionamos três momentos distintos da carreira política de Dilma Rousseff. O primeiro momento é quando ainda era Ministra de Minas e Energia no governo de Luiz Inácio Lula da Silva, em 2002; o segundo, foi em 2011, quando Barack Obama, então presidente dos Estados Unidos, estava no país para um encontro com ela, a presidente do Brasil; por último, o momento da posse em sua reeleição, em 2014, quando o país atravessava um momento conturbado por conta das denúncias de corrupção na Petrobrás.

A moda como representação ou linguagem

Moda, para Bourdieu (2003), nada mais é do que símbolos e representações socioculturais, em que se destaca seu papel como linguagem e comunicação. Uma vez processados, esses símbolos vão constituir aquilo que chamamos de aparência. Olhando desta forma, podemos dizer que moda é um estudo que retrata as transformações do comportamento da população como um todo, uma vez que é portadora de todo um contexto simbólico, o qual vai mudando de acordo com a dinâmica própria do cotidiano do indivíduo e tem relação com os fatores externos da sociedade.

A moda na construção da imagem da ex-Presidente Dilma Rousseff

Ao mesmo tempo em que continua a seguir os padrões de comportamento da sociedade de sua época, o indivíduo procura se diferenciar para se tornar singular, desenvolvendo uma inovação própria e uma expressão individual. Em meio a estes elementos contraditórios, é permitido ao indivíduo transformar-se em autor de seu próprio estilo e em criador de significados, partindo do que é oferecido pelo mercado e dos padrões que a cultura oferece.

Por intermédio da moda, é possível compreender uma época da história, um comportamento, um padrão de beleza, e não está restrita apenas ao campo do vestuário. Conforme Raslan; Dorinelles (2010), as vestimentas são criadas de acordo com a cultura social e se desenvolvem naturalmente, sem que precisem ser explicadas, é como uma outra forma de linguagem. E a moda no ambiente do vestuário faz exatamente isso, uma tendência pode ser absorvida de diversas maneiras por diversas pessoas, ou mesmo uma mesma peça de roupa pode ser usada de maneiras diferentes, adquirindo muitos estilos para uma mesma pessoa dependendo das intenções, das combinações e das circunstâncias em que for usada.

Avaliando a sociedade contemporânea e o fenômeno da globalização, é possível notar a alteração na forma como consumimos a moda e a importância gradualmente dada à aparência. A moda torna-se um reflexo social, o símbolo adquire valor de mercado e a construção deste se dá através da imagem. A funcionalidade da roupa perde progressivamente espaço para os sentidos que ela pode produzir. A moda está, em todo o tempo, fazendo referências ao imaginário social de vários grupos, atraindo o público alvo, de modo a fazer com que haja uma sensação de identificação, gerando desejo do consumo. A sedução se dá pelo fato de proporcionar a inclusão em um determinado grupo ou até mesmo de se diferenciar daquele.

Conforme Calefato (2004), a aparência corporal como estética é determinada pela roupa, música, literatura, cinema e rotinas diárias, ou seja, a moda está além de uma roupa, está ligada ao comportamento, ao estilo de vida do indivíduo e seu grupo de convívio. Nos tempos atuais, a aparência é essencial para o indivíduo e seu meio; a roupa é capaz de dar a sensação de poder, sucesso e bem-estar.

É o prazer que se tem em ver e ser visto pelas pessoas que circundam no seu ambiente social. É comunicar-se sem palavras. Bourdieu (2007, p. 112) afirma que onde todos têm acesso às inovações, a moda ainda pode indicar também posição social ou status, uma vez que pessoas emitem julgamentos a respeito da importância das outras,

de acordo com o que vestem. Logo, podemos também notar que moda está ligada à cultura de consumo e esta, por sua vez, se relaciona com os símbolos que a moda pode gerar. Uma alimenta a outra.

Em suma, mesmo quando não dizemos nada, nossas roupas estão passando um recado a todos os que nos veem, dizendo quem somos, de onde viemos, o que gostamos de fazer. Usar o que “todo mundo” usa não é uma solução, ainda mais que significa dizer o que todo mundo diz. Todos conhecemos pessoas que fazem isso, porém, mesmo se sua imitação for idêntica, ainda assim, para cada um haverá uma representação diferente. Podemos mentir na linguagem das roupas ou tentar dizer a verdade; porém, a menos que estejamos nus ou sejamos carecas, é impossível ficarmos em silêncio (LURIE, 1997, p. 274).

A questão da moda neste artigo recai sobre a personalidade que aqui trazemos para análise: a ex-Presidente da República Dilma Rousseff. Para dar a ela o tratamento de mulher contemporânea, nos valemos de Lipovetsky (2000) e para sustentar seu estatuto de celebridade, nos valemos de Morin (2009).

A ex-Presidente na contemporaneidade

Para Lipovetsky (2000), os papéis atribuídos ao homem e à mulher sempre foram regidos pela dominação social do masculino sobre o feminino. As alterações nesta relação são perceptíveis nas especificidades atribuídas ao feminino, em diferentes períodos. A cada um desses períodos, o autor denomina um “tipo” de mulher: a primeira, a segunda e a terceira mulher.

A primeira mulher caracteriza-se por ser inferior, submissa, sem brilho e desprezada pelo homem. A segunda mulher, embora tenha sido endeusada pelo homem, continuou submissa, distante da vida política, sem qualquer poder de decisão. Contudo, por trás da fragilidade aparente, é detentora do poder dos filhos, dos grandes homens. Também gerencia os costumes e está presente nos sonhos masculinos. É representante do belo sexo e, por ser educadora dos filhos, é a “fada do lar”.

A terceira mulher, por fim, está presente, principalmente, no mundo do trabalho e da família. É dona das seguintes conquistas: do direito ao voto, da independência econômica, da liberdade sexual e do trabalho fora do lar. Mas estas conquistas trouxeram problemas para a mulher.

A moda na construção da imagem da ex-Presidente Dilma Rousseff

“Para o sexo forte, o fato de dividir-se entre dois mundos é natural; para o outro sexo, isso vem acompanhado de conflitos e de interrogações, de uma busca de conciliação que é frequentemente fonte de culpa e de insatisfação” (LIPOVETSKY, 2000, p. 243).

Vivemos a era da terceira mulher: a sujeita de si mesma. Mas a desigualdade entre os sexos não foi eliminada por esse modelo, principalmente em relação à orientação escolar, à vida familiar, ao emprego e à remuneração. “Por certo, de agora em diante mulheres e homens são reconhecidos como donos de seu destino individual, mas isso não equivale a uma situação de permutabilidade de seus papéis e lugares” (LIPOVETSKY, 2000, p. 239).

Descritas essas mulheres que a contemporaneidade acolhe, apresentamos a mulher em foco nesse artigo: a ex-Presidente Dilma Rousseff. A imagem midiática que trouxe a história pregressa de Dilma Rousseff é proveniente de sua atuação na luta armada de esquerda, após o Golpe Militar de 1964. Tornou-se membro de organizações contrárias ao regime militar – Comando de Libertação Nacional (Colina) e Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares). Nos anos de 1970 a 1972 esteve em reclusão, pelos militares da Operação Bandeirante (OBAN) e pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS).

Surgiu em 2002 no cenário político, no âmbito Federal, como integrante da equipe que formulou o plano de governo de Luiz Inácio Lula da Silva para a área energética. E durante esse período do governo Lula, assumiu a chefia do Ministério de Minas e Energia e posteriormente da Casa Civil.

Em 2010, foi escolhida pelo Partido dos Trabalhadores (PT) para concorrer à eleição presidencial, cujo resultado de segundo turno, anunciado em 31 de outubro, tornou Dilma a primeira mulher a ser eleita para o mais alto cargo, o de chefe de Estado e chefe de governo em toda a história do Brasil.

Em 26 de outubro de 2014, foi reeleita, novamente no segundo turno das eleições. Em 12 de maio de 2016, foi afastada de seu cargo por até 180 dias devido à instauração de um processo de *impeachment*. Teve o mandato presidencial definitivamente cassado em 31 de agosto de 2016, porém não perdeu o direito de ocupar outros cargos públicos.

Dona de uma aparência nada afeita ao que se espera de uma “celebridade”, status que Edgar Morin (2009) atribui aos olímpianos, Dilma Rousseff passou por transformações significativas. São olímpianas, segundo Morin, as pessoas que, ainda que participem da visão social do trabalho, a ultrapassam, pois atuam vinte e quatro horas. Destacam-se como olímpianas atrizes, cantoras, figuras notórias da política, dentre as quais a que ocupa o topo da hierarquia, a presidência da República,

Introduzida na política pelas mãos do ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ela passou a ser assessorada por profissionais criadores de “olímpianos” e, eleita presidente, submeteu-se à “repaginação” do seu visual: desde cirurgias plásticas, emagrecimento, tratamento dentário, até técnicas de visagismo.

Os momentos escolhidos para análise buscam aliar sua “produção visual” – via vestimenta – aos fatos políticos. Vamos a eles.

Três momentos e três modos de representação de Dilma Rousseff

A semiótica peirceana foi a requisitada como lente para ver/ler as fotos jornalísticas que trazemos para análise. A semiótica é apenas uma pequena parte da arquitetura filosófica de Charles Sanders Peirce, estrutura que se assenta sobre uma lógica fundada em três categorias fenomenológicas: a primeiridade, a secundidade e a terceiridade. A dimensão dessa construção teórica não cabe no espaço desse artigo. Por essa razão, recortamos da semiótica apenas o que de perto vai servir para elucidar a análise.

Tendo as três categorias peirceanas como base, Lucia Santaella (2002) construiu um método capaz de descamar os sentidos de um signo a partir de três olhares: o contemplativo – ligado à primeiridade – está atado às qualidades que reverberam da materialidade do signo. Sendo visual, a materialidade do signo em questão está nas formas, cores, textura, posição ocupada no espaço, dimensão etc.

O segundo olhar é o observacional – vinculado à secundidade – e busca apreender o referente ou o signo como um existente.

Finalmente, o interpretativo, o terceiro olhar, analisa, faz a síntese dos anteriores generalizando os sentidos apreendidos, atribuindo-lhes o caráter de símbolo ou signo genuíno. Nessa análise não nos atemos à terminologia peirceana pertinente a cada um dos olhares, mas adotaremos, por sua vez, os mecanismos que cada classificação

A moda na construção da imagem da ex-Presidente Dilma Rousseff

permite. Por exemplo, o primeiro olhar captura qualissignos, isto é, as qualidades inscritas na materialidade do signo: cor, formas, dimensão, posição na composição, textura, enfim... O segundo olhar captura o referente ou objeto e suscita constatações, reconhecimento. É trazido para dentro do signo o contexto. Sinsignos são predominantes. Por fim, o olhar interpretativo é a síntese dos anteriores, os aspectos simbólicos inscritos nos legissignos são convocados nesse processo.

Trilhando esse percurso, começamos pelo primeiro momento: Dilma como ministra da Casa Civil.

Figura 1: A Ministra



Fonte: ESTADÃO. Início da carreira política de Dilma Rousseff.
<<http://infograficos.estadao.com.br/uploads/galerias/149/3059.JPG>>.

Considerando-se que o olhar contemplativo exige que colhamos qualidades, são adjetivos e advérbios sua expressão verbal. Assim, há na figura o predomínio das cores amarelo, cinza, preto, marrom e dourado. Vislumbra-se uma mulher, com uma aparência envelhecida. Podemos ver rugas e expressões faciais bem marcantes. Por trás dos óculos de armação redonda, veem-se olhos voltados para baixo. O cabelo na cor castanho claro, tem um corte bem tradicional. O amarelado dos dentes, bem grandes, dialoga com a corrente dourada e com a cor da roupa.

O fundo cinza em *degradê* da imagem à esquerda, sobreposta à figura predominante, destaca-se no fundo amarelo. Nota-se que a posição do corpo da mulher está levemente voltada para o lado esquerdo. O enquadramento da câmara privilegia o rosto da mulher que segura na altura do peito uma placa numerada.

Trata-se da reprodução em preto e branco da mesma figura, em menor dimensão. Essa disposição clama por um olhar que se atente para a dimensão temporal e convida a uma análise comparativa entre a mesma pessoa em duas fotos, representando dois momentos. O olhar observacional, que tem o referente como guia, nos leva a constatar o contexto em que a(s) foto(s) se inserem: a Dilma Rousseff colorida representa a ministra de Minas e Energia em 2002, durante o governo Lula; sua reprodução em $\frac{3}{4}$ representativa da época em que foi presa política na ditadura militar.

Dilma Vana Rousseff nasceu em 14 de dezembro de 1947, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Criada numa família de classe média, casou-se pela primeira vez aos 20 anos com o político Cláudio Galeno, com quem partiu para a luta armada contra o regime militar. No ano de 1967, Dilma foi guerrilheira e presa em 1970. Em 1972, depois de cumprir a pena na cadeia, foi morar em Porto Alegre, onde viveu com o militante Carlos Araújo.

Estudou economia em 1976 e, nessa época, filiou-se ao Partido Democrático Trabalhista (PDT). Atuou como secretária de Energia do governo gaúcho nos mandatos de Alceu Collares e de Olívio Dutra. Logo no ano 2000, trocou o PDT pelo PT, assumindo, em 2002, o cargo de ministra de Minas e Energia no governo Lula, além de ser nomeada presidente do conselho de administração de Petrobras, cargo que exerceu até março de 2010.

No ano de 2005, passou a ser ministra-chefe da Casa Civil no lugar de José Dirceu, que deixou o cargo acusado de fazer parte do esquema de corrupção do mensalão. Na Casa Civil, Dilma assumiu o controle do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), um projeto para promover o crescimento econômico com grandes obras de infraestrutura. No período entre 2005 e 2010, Dilma se aproximou muito do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, sendo preparada para candidatar-se a sua sucessão, o que ocorrendo em 2010, tornando-se a primeira mulher eleita como presidente no Brasil.

A moda na construção da imagem da ex-Presidente Dilma Rousseff

O terceiro olhar dado à imagem é o interpretativo. Nele, os olhares anteriores – contemplativo e observacional – ganham aspectos simbólicos. A cor amarela representa o ouro, a luz, raios brilhantes do sol, juventude, energia, esclarecimento, descontração, otimismo, alegria, os deuses. Isso porque revela o poder divino ao atravessar o azul do céu.

Segundo Chevalier; Gheerbrant (1995), é a cor mais quente, mais expansiva e intensa das cores, afinal transmite vida e calor. A corrente de ouro que ela ostenta é símbolo de pureza, valor, realeza, ostentação, brilho solar, divino; em certas lendas, os deuses são feitos do ouro.

Destacando a vestimenta da Dilma, o dicionário ilustrado *Moda A à Z* (NEWMAN; SHARIFF, 2011) fala que o blazer, por ser uma peça mais estruturada, de tecido mais grosso, tem um caráter formal, usado em conjunto ou como peça individual. O nome deriva do inglês *tblaze*, que significa “sobressair, fulgurar”, pois originalmente o blazer era confeccionado em tecidos listrados e chamativos, sendo utilizado por homens desde o final do século XIX.

O blazer fundamenta originalmente da moda masculina e adaptado ao guarda-roupa feminino. Trazido por Coco Chanel nos anos 1920. As mulheres os aliavam com saias de prega, camisas e gravatas. É uma peça clássica e versátil, cabe em diversas ocasiões e pode ser usado com outras peças, deixando um visual mais sério por sua estrutura e modelagem e mais versátil com suas cores e combinações que podem ser feitas.

Já a armação dos óculos faz toda diferença. Dependendo da sua escolha, devemos analisar a que mais se adapta ao rosto do usuário. Como Dilma tem um rosto arredondado, as armações quadradas com hastes largas chamam a atenção, e são muito usadas em jovens, deixando o rosto quadrado e chamando assim atenção na parte de cima da armação e os olhos.

Porém, nesse caso, a Dilma mais velha e já ministra está com outra armação que destaca o seu rosto de uma forma harmônica, são óculos sem aro, apenas com a lente de vidro ovalada. E, por fim, a foto em preto e branco ³/₄ refere-se ao antigo, onde as máquinas fotográficas ainda não tiravam fotos coloridas, submetendo ao passado. Sem maquiagem, sem acessório, sem elegância.

Continuamos com a segunda imagem em que Dilma já é presidente:

Jéssica Cristina de Campos

Figura 2: Presidente recebendo Barack Obama no Palácio do Planalto



Fonte: ESTADÃO. Encontros internacionais: A visita de Barack Obama ao Brasil.

<<http://infograficos.estadao.com.br/uploads/galerias/2871/43655.jpg>>.

Ocupando o canto esquerdo, vê-se uma mulher usando um vestido estruturado vermelho, marcado na cintura, decote arredondado, mangas curtas. Em torno dela, uma echarpe em tons cinza, marrom com uns desenhos de folhas em vermelho a cobre relativamente. Ela tem os olhos levemente fechados, como se estivesse focando em algo ou alguém, formando assim algumas rugas em torno dos seus olhos. A boca fechada em uma linha tênue, esboçando um sorriso, revela uma fisionomia de contentamento. O gesto de mexer com os dedos, a postura rígida insinua tensão, impaciência da espera...

Usa maquiagem leve, mas bem marcada nos olhos; na boca, a cor vermelha de batom combina com a roupa. Os brincos pequenos de pérolas se destacam como se fossem pontos de luz, e o cabelo penteado de uma forma harmônica com toda composição. O fundo da imagem está sem foco, dando a entender que o ponto principal da imagem seria ela, apesar de não estar centralizada na foto e sim mais no canto esquerdo, com o enquadramento mais aberto.

Mesmo desfocada, pode-se ver uma passarela coberta com um tapete vermelho e detalhes em dourado na beirada, a passarela está inclinada. Podemos até entender que nas paredes ao fundo da imagem está refletido um lago, gramas (por conta do verde no canto) e umas árvores ao final. Uma imagem com muitas linhas retangulares e transversais cortam a linha da passarela ou correm ao lado dela. As cores predominantes na imagem são: vermelho, dourado, marrom, cinza, branco e um pouco de verde.

A moda na construção da imagem da ex-Presidente Dilma Rousseff

Novamente podemos ver que a fotografia traz Dilma Rousseff, já como presidente do Brasil, capturada no seu primeiro mandato, no dia 19/03/2011, período em que o presidente dos Estados Unidos na época, Barack Obama, fez sua primeira visita pela América do Sul. Começou por Brasília, onde levou a família para se encontrar com a presidente Dilma Rousseff, e firmar alguns contratos. Criou-se grande expectativa nesse encontro, pois aconteceu no início da administração de Dilma Rousseff, época em que a comparação com o antecessor, Lula, e a pressão em relação às promessas feitas em campanha estavam latentes.

O olhar interpretativo reúne qualidades e referências anteriores e atribui-lhes caráter simbólico. A cor vermelha no vestido da Dilma representa o PT. Essa cor é emocionalmente intensa. Ela aumenta o metabolismo humano, aumenta a taxa de respiração e a pressão arterial. Ela tem alta visibilidade, razão pela qual os sinais de parada, sinais de trânsito e equipamentos de incêndio são normalmente pintados dessa cor. Na heráldica, o vermelho é usado para indicar a coragem. É uma cor encontrada em muitas bandeiras nacionais. É quente e positiva associada com as nossas necessidades físicas e mais a nossa vontade de sobreviver. Ela emana uma energia masculina forte e poderosa, que excita as emoções e motiva decisões rápidas (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1995, p. 30,42). Na política, está associada ao espírito revolucionário. É a cor do Comunismo e da ideologia política de esquerda. Tanto a cor como a posição ocupada na foto reiteram a esquerda.

No dicionário da moda ilustrado de A a Z (2011), encontramos que os vestidos midi surgiram por conta de uma necessidade. O contexto se deu na primeira guerra mundial, momento em que as mulheres tiveram que assumir os postos dos homens nos trabalhos. Os vestidos longos e pesados só atrapalhavam, e a agilidade era fundamental, então foi assim que em 1915 as saias e vestidos subiram até a altura da canela. Dessa forma, a feminilidade e versatilidade foram resgatadas nos vestidos estruturados de comprimentos midi, que não chamam tanto atenção; são femininos, versáteis e mais apropriados para um ambiente de trabalho. É uma das peças características das grifes Chanel e Dior, trazendo em sua história *glamour*, elegância. Pela textura, a espessura do tecido aparenta um chemise de alfaiataria.

Já a echarpe como peça de vestuário, chegou ao Brasil no século XVIII junto com família real portuguesa. Eles chegaram usando para se protegerem da propagação de piolhos. Porém, como nem toda população sabia, introduziram a usar também.

Com isso, os portugueses e espanhóis iniciaram a moda de usar os lenços bordados na cabeça e caídos sobre os ombros. Já alguns homens e mulheres franceses optaram por lenços menores e mais discretos amarrados no pescoço. No século XIX, o lenço se tornou um acessório que fazia uma distinção social da roupa. Também foi nesse século que os lenços se tornaram populares e ganharam diversos tamanhos e passaram a ser feitos de distintos tecidos, ocorrendo desta forma que grandes grifes estabeleceram a investir nos lenços no qual foi se tornaram símbolo de status e elegância.

A echarpe serviu para dar um pouco de elegância para a composição da Dilma, quebrando somente o estruturado do vestido vermelho, além de poder cobrir os braços e qualquer parte que estivesse aparente do corpo, como sinal de respeito por conta da importância da celebração.

Como acessório, ela usa apenas um brinco de pérola. Por ser um objeto difícil de cultivar, que leva um tempo para produzir, eles têm um custo final maior, sendo visto como objeto de luxo e muito usado em joias. É símbolo de riqueza, elegância.

A maquiagem é leve. Por mais que a cor do batom seja em uma tonalidade mais chamativa (vermelho), há uma harmonia. O cabelo curto, estruturado de uma forma cheia, mas bem torneado, foi o corte padrão utilizado durante o seu mandato, no período de 2010-2015.

A rampa do Palácio do Planalto, feita passarela, é coberta por um tapete vermelho com detalhes em dourados, o que dá a entender que é para um evento significativo, pois historicamente tapetes vermelhos seriam para pessoas importantes, reis e rainhas passarem. As linhas horizontais de trás se opõem à linha da direção da passarela, fazendo com que chame mais atenção.

Como o fundo está opaco, não dá para afirmar nada, porém a sensação que dá é que são janelas, e nelas refletem o lago, a grama e as árvores. Esse contraponto entre a passarela construída e a natureza atrai a atenção, isso é por conta do contraste das cores fortes nos objetos mais importante da cena. As linhas verticais remetem à ideia de poder, força e crescimento. Já as linhas horizontais e as que estão um pouco inclinadas em fotos trazem uma sensação de estabilidade, descanso e tranquilidade. Pôr do sol, árvores caídas, horizontes, enfim todos esses elementos nos passam essas sensações.

Segue a última imagem da série:

A moda na construção da imagem da ex-Presidente Dilma Rousseff

Figura 3: Dilma Rousseff indo para a cerimônia de sua posse



Fonte: ESTADÃO. Governo Dilma Rousseff.

<<http://internacional.estadao.com.br/blogs/um-olhar-sobre-o-mundo/governo-dilma-rousseff/>>.

As cores que predominam na imagem são o branco, preto, cinza, e levemente o marrom. Linhas retilíneas cortam o sentido em que se movimenta a presidente, esta última, ao atravessá-las quebra a continuidade. Vem daí a sensação de movimento. Também formas triangulares se fazem presentes na abertura das pernas que aparecem na imagem.

Trata-se da presidente, agora, numa vestimenta branca. Ela usa um vestido midi e um leve casaco de renda por cima, deixando expostas apenas as partes inferiores dos braços e pernas. Há também a presença dos acessórios, colar e brincos em pérola, sendo algo delicado e que não chama mais atenção do que a vestimenta.

Cabelos bem penteados e maquiagem leve. Ela parece serena, retraída e calma, sua imagem se duplica no espelho da poça d'água. Ela está com o pé esquerdo à frente, num movimento ascendente. Mas também contida no andar por conta dos seus braços

parados do lado do corpo. Podemos também notar a presença de seguranças ao fundo e um carro antigo que sugere que foi o que a trouxe. Não há dúvida, já pelo enquadramento e vivacidade da cor, de que se trata da principal figura na imagem.

Esta foto traz Dilma Rousseff na tomada de posse da sua reeleição, em 26/10/14. Nessa época, a avaliação do governo e sua avaliação pessoal estavam no limite. As passeatas ocorridas em 2013 acirraram as posições da oposição, além das denúncias de corrupção na Petrobrás reveladas pela candente Operação Lava Jato. Por conta disso, em Brasília e em todas as capitais estavam ocorrendo protestos contra a reeleição, em contrapartida também haviam protestos a favor. Naquele momento, a preocupação maior é que tais desavenças não interferissem no evento de posse.

Segundo Chevaer e Gheerbrant (1995, p. 37,72), a cor branca significa ora ausência, ora a soma das cores. O branco é a cor do candidato, daquele que vai mudar de condição; a cor dos rituais de passagem. É a cor essencial da sabedoria, vinda das origens e vocação do devanir do homem. Também remete à fidelidade, superação, iniciativa; uma neutralidade que abrange tudo, com leveza e elegância.

Tendo como modelagem um vestido midi, no qual historicamente tem associação de algo comportado e feminino. A textura do casaquinho de renda retoma o início da história da vestimenta, trazendo a sensação de riqueza e poder. Para alguém que tem um histórico de só usar cores fortes, principalmente na cartela de cores do vermelho, usar pela primeira vez uma composição totalmente branca em evento significativo nos leva a algumas considerações: o ritual de passagem faz com que, ainda que se dê pela segunda vez, a posse ganhe ares de primeira.

Também podemos notar que, a partir desse momento, Dilma abre mão de usar as cores que eram sua marca registrada desde então, o vermelho, e começa a usar outras cores mais claras, dando a sensação de igualdade entre os eleitores, ou seja, ela não governa apenas para petistas.

Essas imagens, passo a passo, revelam as mutações da presidente na construção de uma nova imagem. É a celebridade que ganha espaço no imaginário dos brasileiros. Edgar Morin lembra que Deuses e mitos vivos são a mesma coisa e "eles só existem na medida em que grupos sociais, seres humanos creem neles, porque, se estes seres não existem mais, os Deuses/mitos desaparecem" (MORIN, 1986, p. 73).

Considerações finais

Ao analisarmos essas três imagens de momentos distintos na carreira política da ex-Presidente da República da Dilma Rousseff, pudemos perceber a mudança provocada pelas vestimentas utilizadas, bem como pelo uso de maquiagem, acessórios que a tornaram uma senhora elegante. Essa construção foi acompanhada de sua ascensão no patamar das celebridades ou universo olímpico de Edgar Morin.

Referências

- BLUMER, H. **Symbolic interactionism: perspective and method**. Berkeley: University of California Press, 1969.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- _____. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- CALEFATO, P. **The clothed body**. Oxford: Berg, 2004.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1995.
- DORNELLES, B. C. P.; RASLAN, Elaine M. S. A moda, como meio de comunicação, gera símbolos diferenciados de tecnologia. Caxias do Sul, RS: **Comunicação e Cultura**. v.9. n. 17. 2010.
- LIPOVETSKY, G. **A terceira mulher: permanência e revolução do feminino**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- LURIE, A. **A linguagem das roupas**. Tradução por Ana Luiza Dantas Borges. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997.
- MORIN, E. **Cultura de massas no século XX: neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- _____. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo - necrose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.
- NEWMAN, A.; SHARIFF Z. **Dicionário ilustrado: moda de A a Z**. São Paulo: Editora Publifolha, 2011.
- SANTAELLA, L. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.